



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFº DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

NAIR PREDI XERENTE

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA
ACADÊMICA JOVEM INDÍGENA DO CURSO DE PEDAGOGIA EM ARRAIAS/TO**

**Arraias/TO
2023**

Nair Predi Xerente

Educação e inclusão: narrativas autobiográficas de uma acadêmica jovem indígena do Curso de Pedagogia em Arraias/TO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário Sérgio Jacintho Leonor - Arraias para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elisabete da Silveira Ribeiro

Arraias/TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- X6e Xerente, Nair Predi.
Educação e inclusão: narrativas autobiográficas de uma acadêmica jovem indígena do Curso de Pedagogia em Arraias/TO. / Nair Predi Xerente. – Arraias, TO, 2023.
35 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientador: Elisabete da Silveira Ribeiro
1. Mulher. 2. Indígena. 3. Juventudes. 4. Narrativas autobiográficas. I.
Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Nair Predi Xerente

Educação e inclusão: narrativas autobiográficas de uma acadêmica jovem indígena do Curso de Pedagogia em Arraias/TO

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de licenciatura em Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 03 /07 /2023

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ELISABETE DA SILVEIRA RIBEIRO
Data: 03/07/2023 19:52:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Elisabete da Silveira Ribeiro - Uft - Orientadora

Documento assinado digitalmente
 JANAINA SANTANA DA COSTA
Data: 04/07/2023 09:52:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a Janaína Santana da Costa
Universidade Federal do Tocantins

Documento assinado digitalmente
 LORY DA SILVEIRA RIBEIRO
Data: 03/07/2023 21:15:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Ma Lóry da Silveira Ribeiro - UFPel

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a nosso Waptokwa Zawre (Grande Pai) por todo cuidado durante minha caminhada acadêmica, sua proteção foi essencial, aos meus pais Domingos M. Xerente e Priscila K. Xerente pelo apoio e incentivo que me deram e, também por suportar minha ausência durante esses anos.

A minha orientadora, Profa. Dr^a Elisabete da Silveira Ribeiro por todo apoio e paciência durante minha etapa de construção deste trabalho e por sempre estar disponível para me auxiliar quando eu precisava.

A todos meus professores do curso de Pedagogia, que contribuíram com seus conhecimentos para que eu pudesse ter uma formação em Pedagogia.

Aos meus irmãos Eliane, Jânio, Dejair, Enedirene e Isabela e ao meu tio Rui Carlos B. Xerente por acreditar na minha capacidade e me ajudar a ingressar na Universidade

Ao Vitor C. Pereira por me ajudar nas minhas dificuldades, pelo apoio, por incentivar-me quando falava em desistir.

A minhas amigas Marlúcia, Debóra e Ezimar que me acolheram em suas casas na cidade de Arraias/TO no momento que mais precisei e por toda ajuda oferecida a mim para chegar no meu objetivo.

Aos meus amigos da Casa dos Estudantes Maiara, Natiara, Sara, Olavo e Jarilda, minha gratidão por cada ajuda e momento compartilhado.

Muito obrigada a todos!

Têhazêê

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso está ancorado na metodologia *Narrativas autobiográficas* e busca contar um pouco sobre os desafios de ser uma mulher jovem, indígena, vivendo a 600 Km de distância da aldeia, com pessoas não indígenas. É um relato impregnado de ambivalência entre a solidão e o acolhimento. O trabalho dialoga principalmente com autores como Xerente (2012) falando da cultura e escolarização indígena, com Abrahão (2003), Souza Santos (1987) e Soares (2001) em relação a autobiografia e Ribeiro (2022) para falar de juventudes.

Palavras chave: Mulher. Indígena. Juventudes. Narrativas autobiográficas.

ROMWASKU KRTURÊ

Tākãhã hêsuka it kmã krãnistuze, it wasku tã ahãmãhã hêsuka kuTkre kwai nãrT tã waskuzem hawi wat kuTkre. Are waza dure Tn siwasku ro krTmtui mnõ. Wa tã Akwê wapte tã 600 km nã ro instõ tã cinco nã wahu, are wahum kamõ nõkmõ ku wat romhãnã krTsimãsisu Tn zakrui kupanã, ktãwankõ nõrai waikwa. Kãtõ TI wasku, are dure kahãsnã romkmãdkã wa Tza, nmãhã romkmãdã tã siwa waza kmãto, are dure Tsimãzusze zatõ TkwanT, tahã kmã Tzapka, tahã kmã izapka kõ, tahã it sãmrwê, tahã Tt sãmrwê kõ are wasiméhã hêsuka zanãmrkwai nõri mãtõ Tzaparpsê. Hêsuka tã kuTkre mnõ tã simã tkrê wasku mnõ hawi, tahã hêsuka tã kuikre mnõ nõri. Xerente (2012) mãtõ akwê Tn romkmãdkã nã kuikre, are dure akwê hêsuka tmé zas mnõ nãhã kuikre, hêsuka tã kuikre mnõ nõrai isisize tã Abrahão (2003), ikamõ Souza Santos (1987) are ikamõ Soares (2001) ikamõ Ribeiro (2022). Tanõri mãt waptem kmãhã rowasku kuikrekwa.

Înkuikre wamtreprê: Pikõ. Akwê. Waptem. Romwasku wanõr tã.

RESUMEN

Este trabajo de finalización del curso está anclado en la metodología Narrativas Autobiográficas y busca contar un poco sobre los desafíos de ser una mujer joven, indígena, que vive a 600 km de distancia de la aldea, con personas no indígenas. Es una historia impregnada de la ambivalencia entre la soledad y la aceptación. La obra dialoga principalmente con autores como Xerente (año) hablando de cultura y escolarización indígena, con Abrahão (2003), Souza Santos (1987) y Soares (2001) en relación a la autobiografía de Ribeiro (2022) para hablar de juventudes.

Palabras llave: Mujer. Indígena. Juventudes. Relatos autobiográficos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Nair junto à família	11
Imagem 2: Nair escrevendo no quadro	12
Imagem 3: Figura desenvolvida por Abrahão para explicar a interpretação das cenas no espaço/tempo	17
Imagem 4: quadro de interseccionalidade de opressão	20
Imagem 5: Marlúcia e Nair (2018)	26
Imagem 6: Jogos indígenas da UFT	27
Imagem 7: Jogos indígenas da UFT (2022)	27
Imagem 8: Confirmação de presença (2023)	28
Imagem 9: Nair na disputa do arco e flecha	28
Imagem 10: Nair na disputa do arco e flecha	28
Imagens 11: à esquerda estudantes da UFT/Arraias aprendendo com o ancião da aldeia; à direita professora Elisabete buscando conhecer saberes cultura indígena	29
Imagem 12: Card do Curso Diálogos Indígenas do Tocantins	30
Imagem 13: Nair ensinando palavras em Akwe- Xerente	31
Imagem 14: Josemília, Maiara, Nair, Jarilda e Natiara (2023)	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEMIX	Centro de Ensino Médio Indígena Xerente
CEFYA	Centro Educacional Frei Antônio
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
ENEM	Exame Nacional Do Ensino Médio
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA	11
3	DESENHO METODOLÓGICO	16
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
4.1	Juventudes	19
4.2	Gênero e Escolarização	20
4.3	Educação indígena	22
4.4	Indígenas na educação superior	23
5	NAIR NA UNIVERSIDADE	25
5.1	Disciplina de Diversidade Cultural	26
5.2	Jogos indígenas de Estudantes da UFT no Tocantins	27
5.3	Viagem da turma de estágio	29
5.4	Curso Diálogos indígenas do Tocantins	29
6	(IN)CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, intitulado “*Educação e Inclusão: Narrativas autobiográficas de uma acadêmica jovem indígena do curso de Pedagogia em Arraias/TO*” surgiu da compreensão de que os materiais referentes à inserção da mulher indígena no ensino superior é pouco discutida e registrada, o que pode ser facilmente verificado em pesquisas realizadas na biblioteca da Universidade Federal do Tocantins, no que diz respeito ao Campus Arraias-TO.

A referida pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre como se produz a vivência acadêmica de uma mulher jovem indígena na Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias/TO.

Como metodologia optei por trabalhar com narrativas autobiográficas, entendendo a importância de afirmar minha palavra enquanto mulher jovem indígena, já que preponderantemente somos caladas e invisibilizadas. Para embasar tal metodologia dialogamos principalmente com Abrahão (2003), Souza Santos (1987) e Soares (2001).

Este trabalho está organizado do seguinte modo: Capítulo 1: Trajetória da pesquisadora, no qual relato minha história de vida. Capítulo 2: Desenho metodológico, onde embaso a metodologia. Capítulo 3: Fundamentação teórica, neste capítulo dialogo com os autores que baseiam essa pesquisa no que diz respeito aos conceitos de Juventudes, Gênero, Educação indígena e Indígenas na educação superior. Capítulo 4: Nair na Universidade, onde conto um pouco do meu percurso durante a graduação em Pedagogia e fecho este trabalho com a ciência de ser ele uma inconclusão, já há muito ainda a ser dito em relação às mulheres indígenas na universidade.

2 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA

Meu nome é Nair Predi Xerente, tenho 25 anos de idade, nasci no município de Tocantínia -TO. Filha de Domingos Mrõzanõ Xerente e Priscila Krenkedi Xerente, sou indígena e resido na Aldeia Porteira Nrõzawi a 70 quilômetro da capital do Estado Tocantins, Palmas. Nasci na aldeia em Tocantínia, tendo como parteira a minha avó paterna, Tereza.

Brinquei muito na minha infância, mas desde cedo minha mãe me ensinava as tarefas da casa, consideradas “tarefas de mulher” na aldeia da Porteira, tanto que uma época meus pais reclamaram que me iriam me bater, pois eu estava fazendo coisas de menino, ou seja, ficar na rua brincando, jogando. Quase não tenho registros fotográficos de quando era criança, porque não tínhamos acesso às tecnologias da informação e da comunicação e as fotos impressas tornavam-se caras para nós. Apresento a seguir uma das poucas que tenho, onde estou no colo da minha mãe junto a família.

Imagem 1: Nair junto à família



Fonte:registro desconhecido(2000).

Lembro-me que meu grande companheiro de brincadeiras, meu melhor amigo na fase de criança era o meu primo Jonas, podíamos passar horas correndo, brincando juntos. Jonas foi também minha primeira grande perda, pois ele adoeceu e morreu rapidamente, deixando uma sensação de vazio em mim. Essa companhia de infância, porém está guardada nas minhas mais ternas lembranças. No começo da minha juventude minha companheira era a minha prima Tatiane, nós jogávamos futebol juntas. Esta foi minha segunda grande perda, pois ela também adoeceu e

morreu num curto espaço de tempo. Isso me dava uma sensação de tristeza e solidão.

Procurei mais fotos que ilustrassem a minha infância, porém não encontrei em nosso acervo, em casa. Buscando fundamentação teórica para realizar esta escrita, encontrei a dissertação de Maria Santana Milhomem, que tratava das representações de gênero na formação de professores Xerente e nela a grata surpresa de ter uma foto minha no 1º ano, na escola indígena. Desde cedo meus pais me incentivavam muito a estudar. Entrei na escola indígena com 8 (oito) anos.

Imagem 2: Nair aos 8 anos escrevendo no quadro



Fonte: Milhomem (2010).

Depois, no ensino fundamental anos finais, cursei a escola não indígena. Mais adiante conto um pouco melhor essa etapa da minha vida. Hoje estou cursando Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins-UFT, Campus Sérgio Jacintho Leonor, em Arraias, da qual a distância da minha aldeia é de aproximadamente 600 km da aldeia leva uma hora e meia de viagem até a cidade de Tocantínia de lá pego van de Miracema para capital Palmas- TO.

Comecei a cursar Pedagogia por incentivo dos meus pais, pois a minha mãe trabalha na creche do município de Tocantínia. Quando ingressei na universidade, não me identifiquei com a área que escolhi. Mas, depois que eu tive contato com as crianças na creche acabei gostando. A prática certamente fez com que gostasse

mais desse curso. Considerando que a teoria é importante também e que nasce de uma prática que aliada a teoria se transforma em nova prática, mais qualificada.

O processo de escolarização ocorreu da seguinte forma: passei a frequentar a escola aos oito anos, isso no ano de 2006. Fiz os anos iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ano ao 5º ano na Escola Indígena Srêmtowe, na minha aldeia. Na educação indígena, no primeiro momento, em sala de aula, falamos só na língua materna, que é o Akwe-Xerente, e no segundo momento o Português que aprendemos um pouco mais tarde. Nós, indígenas, principalmente as crianças entre cinco a oito anos de idade, só falamos em língua indígena.

Aprendi a ler no 3º ano, com dez anos. Os pais colocam os filhos tarde nas escolas indígenas. As aulas eram somente na parte da manhã, onde eram repassados os conhecimentos pelos mais velhos (anciãos) sobre a história do meu povo, os mitos, os cantos, as brincadeiras de antigamente das crianças, os artesanatos fabricados como fonte de renda e a valorização da cultura. Isso na disciplina de Língua indígena, em português e nas outras disciplinas tinha leitura e escrita, contação de histórias e contação de números.

No ano de 2010 passei para estudar para cidade de Tocantínia, no Centro Educacional Fé e Alegria - Frei Antônio (CEFYA) onde cursei os anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ano até ao 9º ano em tempo integral. O 6º ano e o 7º fiz no período da tarde. O ônibus entrava em quatro aldeias para pegar os alunos. Nessa escola tive dificuldades na compreensão do português, na interpretação de textos e na disciplina de Matemática para resolver as atividades propostas. Os professores só passavam as atividades, não tinham preocupação em ajudar os alunos com dificuldade, e eu como não falava corretamente o Português, a comunicação não era muito boa com os professores, por conta da timidez e o medo de não falar de forma correta.

Depois passei para outra instituição de ensino, pois não queria mais estudar no ensino de tempo integral. Mudei para o Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX-WARÃ) para concluir o Ensino Médio do 1º ao 4º ano, com o curso de informática da PRONATEC. É uma escola somente para alunos indígenas, os professores eram indígenas e não indígenas e as aulas eram da parte teórica e aulas práticas do curso de computação de informática. Quase não tinha aulas

práticas por falta de computadores já no último ano do curso tivemos oportunidade de estagiar em Miracema

Não aprendi muita coisa do curso, porque o tempo das aulas era curto, era só copiar do quadro o que o professor escrevia, passava atividade do livro e respondia de acordo com que estava escrito nos livros. Nesse mesmo ano fiz a inscrição do ENEM e no início do ano de 2018 recebemos a notícia de que tinha conseguido uma nota razoável para fazer o curso de Pedagogia, para minha família foi uma alegria, para mim não tanto, pois temia o que eu teria que passar morando em outra cidade.

Em 2018, entrei na Universidade pelo sistema de cotas indígenas. No primeiro dia de aula foi estranho, pois vi pessoas diferentes, de outros lugares. No começo, encontrei dificuldades para me adaptar e encontrei desafios e são vários como: condição financeira, sofrer com a saudade, porque somos apegados com a família, deixar a família em busca de objetivos para ter uma condição boa para ajudar os pais. Já tive momentos que pensei em desistir por causa da distância.

Quando cheguei em Arraias/TO não fui informada de que poderia morar na Casa do Estudante. Hoje percebo que fui muito mal instruída. Assim, sem condições financeiras, fiquei nos primeiros tempos na casa de uma pessoa conhecida. Minha irmã veio comigo, porém teve que ir embora, pois os donos da casa alegavam que não tínhamos condições financeiras para que ela permanecesse. Eu sofri muito com esse afastamento. Nessa casa eu fazia o serviço de babá em troca de cama e comida, lembro-me que o menino era muito apegado comigo. Então, esse casal me sugeriu que fosse para a casa de uma senhora idosa para cuidá-la, também em troca de cama e comida. Ocorre que eu não conseguia estudar pela demanda de trabalho. Então, conheci Débora Mattos que me falou da Casa do Estudante, onde passei a morar. Atualmente compreendo que nas duas primeiras casas que morei, passei por situação de trabalho análogo à escravidão e, mesmo assim não pude manter minha irmã perto de mim. Ressalto que a professora Janaína foi fundamental nesse momento difícil da minha vida. Com certeza sem seu apoio, eu teria desistido da universidade já no começo. Lembro-me com nitidez, que desabei, literalmente, na aula da professora Janaína e, chorando, falei com a minha colega que eu queria ir embora. Ao me perceber que eu saí da sala chorando, a referida professora foi atrás

de mim e me questionou sobre o que estava acontecendo. Então procurou auxílio e me apoiou nesse processo.

No quinto período do curso retornei para minha comunidade por causa da pandemia do Covid 19¹, tivemos que nos distanciar dos colegas da Universidade, pois foi fechada. Com isso tivemos que nos adaptar com o ensino a distância e com as dificuldades dessa modalidade. Dificuldade ampliada pela falta de acesso à boa conexão de internet para assistir às aulas e realizar os trabalhos que eram solicitados.

Porém, compreendo que dentro na Universidade tive outra visão sobre a educação, conhecimentos que certamente contribuem para minha formação profissional como futura educadora, no qual espero transmitir conhecimentos da experiência vivenciada dentro da Universidade, que foi bem diferente a forma de aprender, de obter conhecimento, pois exigem cobranças dos trabalhos solicitados de acordo com as normas da ABNT e a participação é fundamental.

Tive contato com as crianças do Centro Municipal de Educação Infantil Irmã Lucília, em Arraias-TO, em um trabalho desenvolvido por uma professora da Universidade Federal do Tocantins. Na parte prática tivemos que planejar uma aula para as crianças, para ministrarmos trabalhos com contação de histórias. Essa experiência serviu para mostrar a importância de falar de mim, da história do meu povo para as crianças da creche de conhecer o outro, o autoconhecimento, a relação com as crianças e a experiência foi muito importante, pois tive grande interesse pela formação, não somente para ter uma qualificação e sim de voltar à comunidade com novos conhecimentos e contribuí na defesa pelos direitos e principalmente em vista de um futuro emprego.

No próximo capítulo apresento a metodologia da pesquisa da qual foi forjado este texto.

¹ Ribeiro e Ribeiro explicam que com a pandemia, passamos por um período muito difícil, em que, enquanto sociedade planetária, fomos assolados pelo vírus Sars-Cov-2, que causa a Covid-19 e é extremamente letal, descoberto a partir de Wuhan na China. Em março de 2020, todos os países passaram a ser comunicados dessa letalidade que se espalhava como se fosse um caminho de pólvora. (2021, p. 36)

3 DESENHO METODOLÓGICO

Esta investigação científica foi realizada com narrativas autobiográficas, entendendo a importância de afirmar minha palavra, enquanto mulher, jovem, indígena, já que preponderantemente somos caladas e invisibilizadas na instituição, como reflexo da sociedade. Utilizando registros de memórias e fotos como instrumentos de produção de dados, busco contar minha história. Para embasar a metodologia diálogo, principalmente com Abrahão (2003/2019). Conforme Abrahão

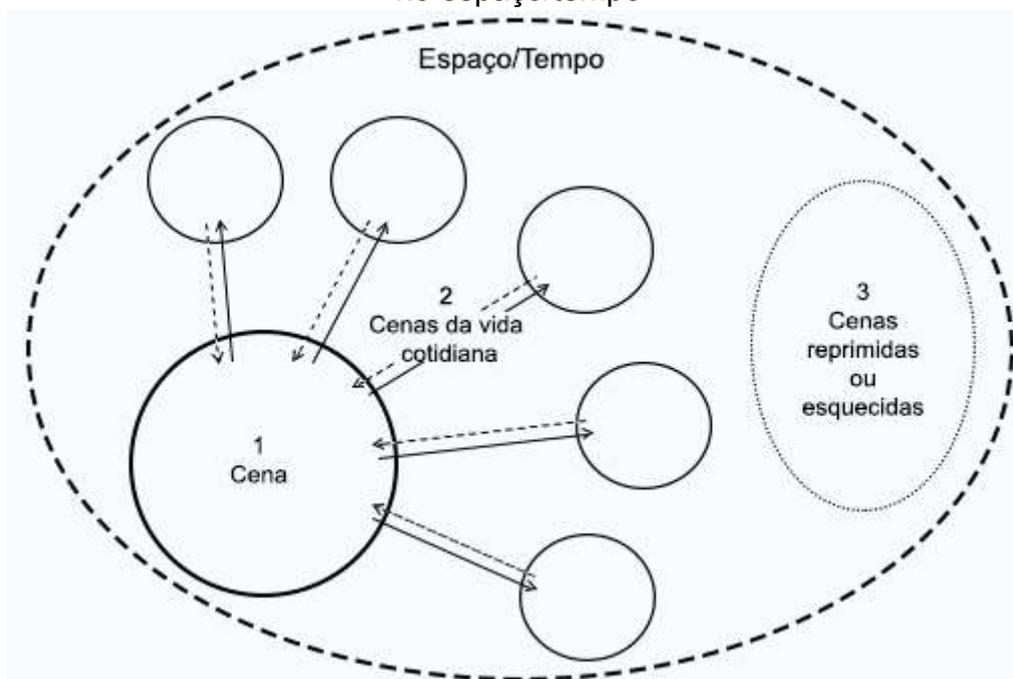
Ao trabalhar com [a] metodologia [narrativas autobiográficas] e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica. (ABRAHÃO, 2003, p. 80)

Como Abrahão (2003) não pretendo aqui ditar uma verdade única e acabada, pretendo apresentar a minha percepção da verdade, a partir das minhas vivências, das minhas alegrias e tristezas forjadas no meu fazer cotidiano. Desse modo, busco suporte em Abrahão quando revela que “[...] no processo de interpretação das informações utilizamos uma concepção em que as categorias de sujeito são entendidas como espaço de enunciação, em que os elementos pertinentes vão se desenhando na medida da relação das narrativas com seus contextos.” (ABRAHÃO, 2003, p. 83). Ademais vou me produzindo, Nair, mulher indígena, jovem, estudante, no exercício de me escrever e inscrever na história.

Ainda, segundo Abrahão (2003) a metodologia pode ser dividida em três planos: no passado vivido, que compõem as referências da autobiografia e a construção dos laços sociais que fui construindo, o presente, que se forja nas relações sociais presentes em minha vida e que fabricam reflexões que estabelecem sentido ao presente, assim como a prospecção de futuro.

A seguir apresento um desenho realizado por Abrahão, que tenta explicar no presente, o modo como se traduz as cenas, a partir do vivido no passado e da bagagem produzida desde até então.

Imagem 3: Figura desenvolvida por Abrahão para explicar a interpretação das cenas no espaço/tempo



Fonte: Abrahão (2019)

Para a autora, ao contarmos nossa história visitamos cenas do passado para escrevê-las no presente, já não o fazemos com a visão que tínhamos quando a cena ocorreu, mas com a interpretação que fazemos dela no presente momento. Bem como, reprimimos cenas que nos fazem sofrer e, que portanto se querem esquecidas. Entretanto, trago algumas cenas sofridas na minha autobiografia, para evitar que outras mulheres indígenas passem pelo que eu passei.

Conforme Souza Santos (1987, p. 5) vivemos num tempo atônito que é o debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos deixado de ser, sombras que vem do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser. Nesta bricolagem de cenas do passado e do presente vou buscando compor o que me tornei, principalmente após minha entrada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins.

Nesse devir vou me (re)construindo. Nas palavras de Soares (1990, p. 41) “quanto ao passado - o passado de que foi contemporânea aquela que fui - concedendo-lhe o futuro; portanto, na verdade, reconstruo-o em função desse futuro, que é meu presente hoje. Assim, vou buscando traduzir a mulher que estou sendo. Corroboro com Soares (1990, p. 40) quando afirma: “exatamente assim é que me

sinto: com as mãos atadas pelo que hoje sou, condicionada pelo meu presente, é que procuro narrar um passado que refaço, reconstruo, repenso com as imagens e ideias de hoje”. Esta metodologia embasa a minha intenção com este trabalho. A seguir apresento a fundamentação teórica que embasa este trabalho.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo dialogarei com os autores que baseiam essa pesquisa.

4.1 Juventudes

Conforme Ribeiro (2022), três conceitos fundamentais perpassam o ser jovem na sociedade não indígena, que inclusive busca ser juvenilizada, onde, embasados no poder aquisitivo de bens capitalista, não jovens compram cada vez mais uma juventude que não lhes pertence, ao passo que jovens (pela faixa etária) são invisibilizados e pouco levados em consideração. Os conceitos chave apontados pela pesquisadora são: geração, moratória social e moratória vital. Segundo a autora começa-se a se pensar a juventude de forma mais contundente a partir do começo do século XX, com aquele que seria chamado de precursor da sociologia da juventude, o húngaro Karl Mannheim, que afirmava que as gerações contemporâneas têm interesses semelhantes.

Ainda segundo a autora (2022), Erik Erikson na década de 1950, cunha o termo de moratória social para designar um tempo de permissividade ofertado aos jovens para que possam viver suas aventuras e também, por exemplo, estudar.

Para Ribeiro (2022), Margulis e Urresti no começo dos anos 2000, contestam a ideia de que todos os jovens tenham acesso à moratória social, já que os das classes mais baixas necessitam trabalhar cedo, não tendo esse tempo para a preparação para a vida adulta. Os autores afirmam que o que diferencia jovem de não jovem seria a moratória vital, ou seja, estes teriam mais tempo para viver do que os não jovens. Este capital vital exerceria uma pressão social para, por exemplo, que a mulher jovem das classes populares fosse mãe cedo.

Percebo que a moratória social, de certo modo, passa a ser exercida pelos indígenas quando se tem uma lei que nos permite adentrar os espaços universitários, embora entenda que não basta a lei para que sejamos realmente acolhidos.

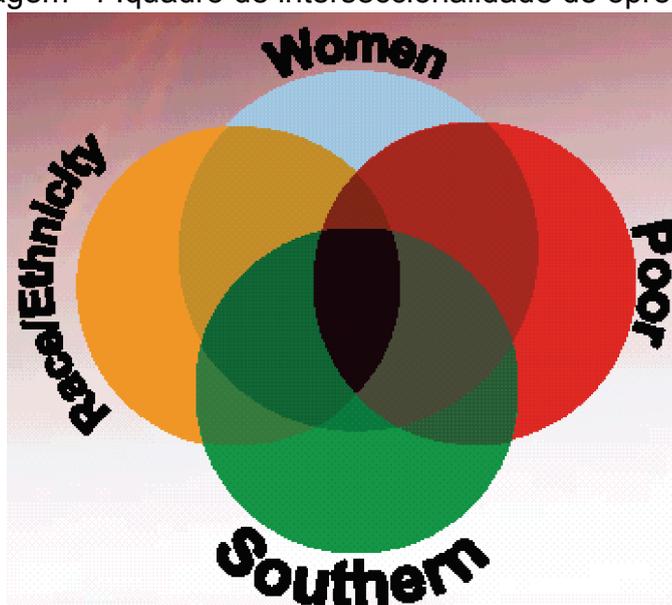
Em nossos estudos conjuntos, nas orientações, percebemos, eu e minha orientadora, que a exigência da juvenilização como status tão desejado pela cultura não indígena, não perpassa a cultura indígena, onde o que mais importa é ter tempos de sabedoria. Na cultura Akwe-Xerente, por exemplo, nós jovens temos a

compreensão de que precisamos dos saberes dos mais velhos para identificar como seguiremos nossas vidas. Assim, o grande status, o respeito que almejamos é chegar a vida anciã com sabedoria para ajudar a formar os mais jovens que necessitam desses conhecimentos. As culturas diferem. E, uma das grandes tristezas que temos é a quantidade de anciões indígenas que já partiram, pois temos ciência de que com eles perdem-se as mais valiosas bibliotecas.

4.2 Gênero e Escolarização

Ser mulher e indígena, isso é um diferencial ou não? A sociedade não indígena nos enxerga de uma forma muito estereotipada. Percebemos nos olhares e dizeres que nos veem como atrasadas, julgam nosso modo de vestir, nosso comportamento a partir de parâmetros não indígenas. Ditam regras de como deveríamos ser, nos comportar, nos relacionar e ainda nos enxergam como objeto sexual. Muitas pessoas duvidam que eu seja indígena, pois afirmam que eu falo bem para ser indígena. Isto é um preconceito muito cruel. O que as pessoas entendem das indígenas sem ao menos falar com elas, tentar descobrir seus sentimentos e modos de pensar. A colonialidade brasileira ainda tenta imperar em nossos corpos.

Imagem² 4 :quadro de interseccionalidade de opressão



Fonte: crenshaw(2007).

² Women = Mulheres; Poor = Pobres; Southern = Sulistas; Race/Ethnicity = Raça/Etnicidade

Utilizo a figura construída por Kimberly Crenshaw, pesquisadora estadunidense para explicar a interseccionalidade de opressão sofrida pelas mulheres. Crenshaw (2007) apresenta essa interseccionalidade referente às mulheres negras, pobres, do sul. Eu apresento narrativas que compõem as vivências de uma mulher indígena, tocantinense, da classe trabalhadora, que se produz na resistência de adentrar os espaços educacionais da universidade que se dizem inclusivos e que na lei, o são, mas que na prática podem ser cruéis e excludentes. Assim Crenshaw, me auxilia a analisar minha trajetória e, inclusive me perceber no centro dessas opressões, nessa intersecção entre gênero e escolarização.

Em relação a nossa visibilidade de mulher indígena xerente e de outras etnias, entendo que vem sendo conquistada por meio da educação, que com o acesso ao ensino superior em busca de conhecimentos e melhoria de condições que auxiliam o ingressar no mercado de trabalho, e a partir disso conquistamos nossos direitos e a luta pela cidadania das comunidades. Atualmente as mulheres Xerente ocupam cargos nas escolas como professoras e isso só vem acontecendo pelo acesso na educação, que possibilita a oportunidade de conquistar um espaço seja dentro ou fora da comunidade. Porém, nem sempre foi assim. A mulher indígena escolarizada é algo bem recente na história do Brasil. No começo dessa escolarização ainda era colonizadora, pois ignorava língua e costumes indígenas.

Se temos tido avanços nessa jornada educacional, também tivemos muitos desafios que encontramos no caminho em busca de uma formação. Muitas vezes passei por situações desconfortáveis, enquanto mulher indígena, por exemplo, ouvindo piadas e chacotas por parte de alguns colegas, que inclusive demonstraram não querer realizar trabalhos com “índio”. Quando chegamos na universidade, acreditamos que seremos bem acolhidos, chegamos perdidos e há uma gama enorme de documentos que nos são solicitados. Não sabemos onde encontrá-los, nem como procurá-los. Tivemos monitoria, entretanto os alunos bolsistas que estavam ali para nos ajudar, nos procuravam apenas para ganhar bolsas.

Eu, por exemplo, não me sentia inserida na universidade, mesmo que já tivesse alguns amigos na casa do estudante, lugar que sentia razoavelmente acolhida, pois tinha uma colega que dizia que quem tinha que se adaptar às regras e

barulhos da casa, seria eu, já que tinha direito, apenas, ao quarto. Nos bancos universitários, a primeira vez que me senti inserida foi em uma aula em que um outro indígena veio palestrar para nós. Senti que as angústias e dificuldades que apontava, eram as que sentia. Finalmente, eu me identifiquei com meus pares, sentia algo familiar, que me dava uma sustentação para não desistir, que era meu desejo por inúmeras vezes. Desse modo, é evidente que a universidade que se diz inclusiva, se mostra bastante excludente.

O Brasil hoje está visibilizando mulheres indígenas, como a ministra Sônia Guajajara do Ministério dos Povos Indígenas, recentemente criado, a Célia Xakriabá, deputada federal e ativista Txaí Suruí. Gostaria de ressaltar que o Movimento indígena tem ecoado as vozes indígenas femininas, outrora sufocadas. O empoderamento feminino está chegando à moda, à música, à gastronomia. Hoje estamos percebendo a valorização das culturas que até então eram retraídas. Por outro lado, percebemos que muitas pessoas gostam de ganhar vantagens sobre as nossas imagens, já que nos desprezam no cotidiano, mas quando podem aparecer, fingindo ser defensores da causa indígena, estão de prontidão.

4.3 Educação indígena

A educação indígena para o povo Akwe-Xerente começou, com a chegada dos professores missionários nas aldeias indígenas, porém esses ensinamentos não levavam em consideração as culturas indígenas, ou seja, a Educação tradicional indígena. Desse modo, embora fosse uma oportunidade de educação era ao mesmo tempo uma aculturação. Para se ter ideia o pequeno dicionário da língua é escrito por evangelizadores não indígenas.

Para nós a educação indígena tem peculiaridades, conforme Xerente (2012, p. 15) “optou-se, portanto, por adotar o termo educação tradicional, considerando que, na atualidade, já se conhece outro modelo de educação - a educação formal ensinada nas escolas”. Para nós a educação tradicional é de extrema importância, pois temos consciência de que o que aprendemos na escola necessariamente tem que estar ligado à nossa cultura. Porém

Se no passado a educação a Akwē- Xerente se dava no âmbito da cultura envolvendo apenas o próprio Indígena, como decorrer do tempo isso foi se modificando e outras formas de ensinar e aprender foram chegando até sua

realidade, às vezes de forma imposta, como própria história do índio aponta, e às vezes por interesse de alguns grupos do próprio povo. (XERENTE, 2012, p15)

Na escola não indígena, pela qual temos que passar para chegar no curso universitário e até mesmo no espaço da universidade, essa cultura tradicional indígena é desconsiderada. A educação indígena é baseada na cultura da oralização, assim quando entrei para a escola não indígena, lembro-me que retornava calada, pois na escola só me era permitido responder: “presente!” na hora em que os professores faziam a chamada, dizendo meu nome.

4.4 Indígenas na educação superior

Os números de estudantes indígenas dentro da Universidade Federal do Tocantins têm aumentado cada vez mais, com a criação da Lei 11.645/2008, chamada de Lei de cotas aumentou as oportunidades para ingressar no ensino superior, mesmo que tardiamente, essa luta nos trouxe a conquista de acesso e permanência de indígenas. A lei citada veio na esteira da Lei 10.639/2003 que já trazia esses direitos para os negros, modificando-a e estendendo aos indígenas.

Conforme Bracciali (2019) a partir da década de 1960 os movimentos negros de diversas partes do mundo reivindicam adentrar os espaços universitários. Na esteira desses movimentos, outros grupos segregados, buscam para si esses mesmos direitos. Como se pode perceber no Brasil essa luta demora décadas e não está totalmente contemplada.

Corroboro com Bracciali (2019, p. 46) quando afirma que é

importante destacar que a Lei de Cotas tem em si o compromisso de inserção desses grupos no sistema educacional de nível superior, mas não traz necessariamente seus saberes, suas culturas e suas raízes. Principalmente no tocante às populações indígenas, apesar dessa conquista ser fruto de lutas e reivindicações, a sua presença nas instituições de ensino superior não significa a concretização de uma educação intercultural.

Ou seja, nossa cultura é frequentemente invisibilizada, mas apesar das dificuldades, nós indígenas ainda resistimos nas universidades federais. Ao ingressar no curso Superior enfrentamos grandes desafios como a falta de condição financeira para se manter na cidade até conseguir uma bolsa. Esse desafio se dá na busca do de ter uma qualificação no curso escolhido e, assim, ao concluir o curso,

poder retornar a comunidade indígena e contribuir de alguma forma, nas lutas pelos direitos e deveres que ainda buscamos para melhorias em prol da comunidade.

5 NAIR NA UNIVERSIDADE

A educação no Ensino Superior é totalmente diferente quando comparada com o Ensino Básico. A cobrança é maior na realização de trabalhos acadêmicos, exigindo as normas da ABNT, que para o aluno não indígena já é um choque, choque esse aumentado quando se é indígena, pois nossa cultura é muito diferente, mesmo em relação à educação e, essas regras burocratizadas são extremamente pesadas para nós.

Desse modo, minha jornada como jovem indígena, dentro do espaço da Universidade, abriu novos horizontes sobre a Educação, através da formação que adquiri com meus professores e colegas que me ajudaram em minhas dificuldades, assim como eu os ajudei em suas dificuldades. Estar na Universidade para uma jovem indígena nunca foi fácil devido às barreiras como a falta de representatividade, a invisibilidade da cultura indígena dentro do espaço acadêmico, sofrer com piadinhas preconceituosas por parte de alguns colegas no grupo de trabalho. Nessa jornada de estudos muitas vezes sentia que esse não era meu lugar, me sentia inferior, ao comparar a inteligência dos meus colegas não indígenas pela capacidade de falar e expor opinião diante de uma pergunta feita ou para responder determinado assunto discutido como de textos e nas apresentações de seminários.

Porém, aos poucos fui compreendendo que não era a minha inteligência que era inferior, apenas que eu, embora estivesse nesse espaço, não o compreendia totalmente, já que as peculiaridades do ser indígena eram invisibilizadas ou desrespeitadas. Nesse espaço não se tem a presença, por exemplo, da arte indígena, dos saberes indígenas, das escritas e modos de perceber a realidade indígena, ou seja, é uma integração, o indígena que tem que se adaptar ao espaço educativo, pois esse não é inclusivo, se fosse também se adaptaria ao modo indígena de existir.

Nesse espaço em que me sentia tão sozinha, uma pessoa me acolheu muito, era como se fosse um sol brilhando na escuridão que era o espaço universitário para mim. Marlúcia, ao contrário de muitos, fazia questão de me colocar nos trabalhos de grupo com ela, me chamava para viagens, foi como se tivesse uma irmã na universidade.

Imagem 5: Marlúcia e Nair



Fonte: registo de Marlúcia (2018).

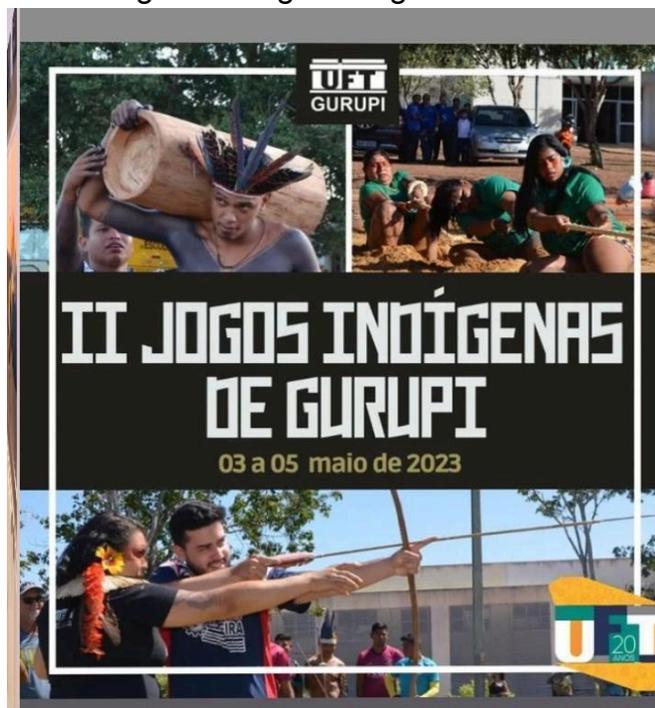
5.1 Disciplina de Diversidade Cultural

Na disciplina de Diversidade Cultural ministrada pela professora Elisabete Ribeiro, me identifiquei com o curso, pois tivemos a oportunidade de conhecer pessoas de lugares diferentes, compartilhando suas histórias e experiências. Nessa disciplina, foi convidado um indígena, Edimar Xerente, para falar sobre os desafios enfrentados por ele na graduação. Me identifiquei com a professora, por ela ter tido a sensibilidade de ser a primeira a pensar nessa possibilidade de convidar um indígena, que teve o olhar de escutar a voz indígena, que participava então como palestrante. Nesse momento percebi que não estava só, o que ele passou eu também estava passando. Depois desse dia mudou minha visão sobre a Universidade. Compreendi finalmente que esse espaço também é nosso. E, por isso, precisamos falar, contar sobre nós.

Me senti representada pela fala do Edimar Xerente, nos desafios que superou até sua conclusão de curso. São poucos professores que se importam com a vivência dos estudantes indígenas na possibilidade de pensar na inclusão. Precisamos mudar essa ótica preconceituosa e invisibilizante.

5.2 Jogos indígenas de Estudantes da UFT no Tocantins

Imagem 6: Jogos indígenas da UFT



Fonte: UFT(2023).

Como demonstrado na foto anterior, outro fato importante de se narrar são os jogos indígenas dos estudantes da Universidade Federal do Tocantins. Disputamos dois anos em 2022 e 2023.

Imagem 7: Jogos indígenas da UFT (2022)



Fonte: UFT(2022).

Os jogos me possibilitaram uma maior aproximação de colegas, com os quais ainda não convivia muito.

Imagem 8: Confirmação de presença (2023)



Fonte: UFT(2023).

Vencemos nos dois anos, fato que foi contestado por outros parentes, já que eu era a única indígena na delegação. Concordo com eles, não é muito justo mesmo, mas eram as regras e, não foram criadas por nós. Ressalto que o Campus de Gurupi da UFT foi o único que teve a iniciativa de promover jogos indígenas, que eu percebo como uma iniciativa muito importante para que as pessoas conheçam mais um pouco das culturas dos povos originários.

Imagem 9 : Nair na disputa do arco e flecha



Fonte: UFT(2023).

5.3 Viagem da turma de estágio

Imagem 11: à esquerda estudantes da UFT/Arraias aprendendo com o ancião da aldeia; à direita professora Elisabete buscando conhecer saberes cultura indígena



Fonte: registro da autora(2022).

Outra atividade bastante importante foi a aula de campo dos estudantes da disciplina de Estágio I: Projeto para a Docência e Gestão de Processos Educacionais, do segundo semestre de 2022, experiência em que os estudantes foram até a aldeia conhecer um pouco da educação e dos modos de viver da comunidade indígena da Aldeia da Porteira, em Tocantínia, ou seja, na minha comunidade. Os estagiários visitaram a escola, conversaram com professores, conheceram o ancião da aldeia, visitaram o cacique e foram recepcionados em minha casa, onde tiveram a oportunidade de realizar perguntas sobre questões do cotidiano da comunidade. Encantaram-se com lugares como a beira do rio e a Casa Cultural. Lembro-me que quando retornamos, pela primeira vez não chorei ao retornar de casa, me senti acolhida.

5.4 Curso Diálogos indígenas do Tocantins

Imagem 12: Card do Curso Diálogos Indígenas do Tocantins



Universidade Federal do Tocantins
Núcleo de Pesquisa Artesania
Curso de Graduação em Pedagogia
Campus Arraias

**DIÁLOGOS DAS CULTURAS
INDÍGENAS DO TOCANTINS**

**VENHA DIALOGAR SOBRE AS CULTURAS
INDÍGENAS E TER AULAS DE XERENTE
COM: NAIR PREDI XERENTE**

ENCONTROS SEMANAIS, NAS SEXTAS-
FEIRAS, DE FORMA PRESENCIAL, NA SALA 7
DO 3P E ONLINE, ATRAVÉS DA PLATAFORMA
GOOGLE MEET.

INÍCIO: 19/05/2023 ÀS 14H.
PROFª RESPONSÁVEL: ELISABETE RIBEIRO
PARA MAIS INFORMAÇÕES:
BTSILVEIRA@UFT.EDU.BR

Fonte: UFT(2023).

Através dessa disciplina recebi a proposta da professora de ofertar um curso chamado “Diálogos Indígenas do Tocantins”, onde eu ministraria aulas em Akwe-Xerentetrabalhando com tradução de português para Língua Xerente, o curso também previa momentos de diálogos relacionados a causas indígenas. No início apareceram várias pessoas querendo participar do curso, depois deixaram de participar, parecendo que o interesse era apenas em computar horas necessárias de atividades integrantes. Mas, este curso me deu mais visibilidade e protagonismo na universidade, de tal forma que em seguida fui convidada para outros projetos de outros cursos. Posso garantir que foi enriquecedor para mim, para os colegas e para a professora dentro da Universidade, pois todos aprendemos juntos.

dos significados de nossas pinturas corporais e dos rituais indígenas e, ensinei palavras referentes ao espaço da escola e da universidade em Akwe Xerente.

6 (IN)CONCLUSÃO

Optei por fechar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), indicando que este é um diálogo que está apenas começando e que pretendo seguir minha jornada de estudante, ampliando a pesquisa e buscando defender os direitos dos povos originários.

Imagem 14: Josemília, Maiara, Nair, Jarilda e Natiara (2023)



Fonte: registro da autora(2023).

Passei por tempos difíceis, mas construí pontes, fiz amizades. A foto acima mostra um pouco da minha convivência fraterna com as meninas e meninos da Casa do Estudante.

Concluo que desejo que esse trabalho de conclusão de curso, possa inspirar outras jovens indígenas a contarem sobre sua trajetória de vida e, também a resistir e ocupar este espaço que é nosso por lei e por justiça. Para mim, como jovem mulher indígena, me representar, em minha jornada acadêmica, nesta escrita foi um

marco importante, procurando quebrar estereótipos e demonstrar que mesmo com as barreiras enfrentadas é possível e necessário buscar formação. Ênfase que foi imprescindível passar, diariamente, os obstáculos pela educação, mas o êxito é bastante importante. Hoje minha relação é outra dentro da própria casa do estudante. Sou acolhida e acolho outras meninas e meninos que também se sentem sós e formamos uma verdadeira irmandade. Claro que ainda é difícil. A relação não é a mesma com todos. Alguns ainda não nos aceitam, assim vamos construindo as parcerias possíveis e surpreendentemente maravilhosas.

Cabe ressaltar o suporte da minha mãe durante todo esse tempo de universidade. Ela, sempre cuidadosa, me ligava para saber se estava me alimentando, se estava bem, se estava feliz.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena M. Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. In: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

BRACCIALI, Marcia Regina Pires. **A universidade como território de conflitos socioculturais entre as comunidades indígena e não indígena**. (Dissertação de Mestrado). Sorocaba: Universidade Federal de São Carlos, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: **Cruzamento: raça e gênero**, 2007.

MILHOMEM, Maria Santana Ferreira dos S. **As representações de gênero na formação de professores indígenas Xerente e expressão da violência**. (Dissertação de Mestrado) São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010.

OSOWSKI, Raquel. O Marco Temporal Para Demarcação De Terras Indígenas, Memória E Esquecimento **Dossiê** - Remoções forçadas de grupos indígenas no Brasil republicano, 2017.

RIBEIRO, Elisabete da Silveira. **Juventudes e deficiência: Narrativas autobiográficas de jovens mulheres**. (Tese de doutorado) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA SANTOS, B. de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto Alegre: Afrontamento, 1987.

XERENTE, Antonio Samuru. Educação Tradicional e Educação Escolar Indígena Atual dos Akwe-Xerente. In: **Culturas e História dos Povos Indígenas**, Fortaleza, 2016.